

Produção industrial destoa do restante do mundo

Por **Alessandra Ribeiro e Rafael Bacciotti**

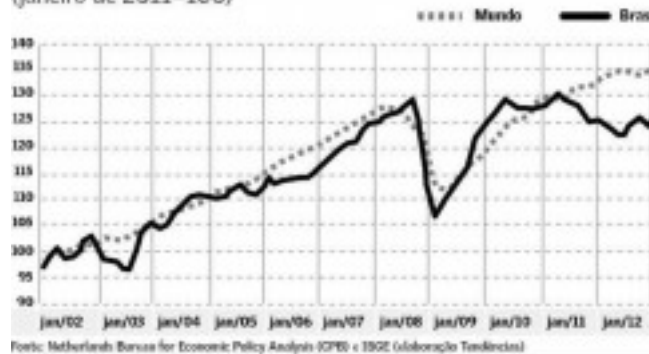
Valor Econômico, 21.11.2013

A competitividade da indústria se reduz pela expansão contínua dos custos incorridos pelas empresas.

A produção industrial voltou a crescer em setembro (0,7%) em relação a agosto. Essa elevação não impediu que a produção encerrasse o terceiro trimestre em queda, devendo ser a principal contribuição negativa para o PIB do período. Como este resultado foi precedido por números mais fracos em agosto e julho, a produção recuou 1,4% em relação ao segundo trimestre e interrompeu a trajetória de alta gradual em curso ao longo do primeiro semestre. O retrato da indústria doméstica ainda é caracterizado por instabilidade e baixo crescimento.

No terceiro trimestre, observou-se a reversão das principais contribuições positivas que lideraram a expansão da indústria nos primeiros seis meses do ano, como máquinas e equipamentos, veículos e alimentos. A recuperação da produção no segundo trimestre, entretanto, foi acompanhada por um aumento dos estoques. Sobretudo no setor automotivo, ainda existem evidências de acúmulo de estoques indesejados, reflexo do descompasso entre a produção e o ritmo fraco das vendas, o que deve limitar o fôlego da produção da indústria no quarto trimestre.

Produção industrial no Brasil e no mundo (janeiro de 2011=100)



Estoques elevados conjuntamente à queda na confiança dos empresários inviabilizam o traçado de uma trajetória mais sólida de recuperação para a atividade industrial. O índice de confiança da FGV mantém uma clara tendência de queda, tendo mostrado, em outubro, o quinto resultado negativo: -1,1% em junho, -4,0% em julho, -0,6% em agosto, -1,0% em setembro e -0,2% em outubro (iniciando o quarto trimestre no terreno negativo).

O desempenho da produção tem sido persistentemente fraco e configura-se como um dos determinantes do atual padrão de baixo crescimento econômico. Nos últimos trimestres a produção tem tido altos e baixos, em um movimento bastante errático, mesmo com todos os estímulos direcionados pelo governo.

Esse quadro se torna mais grave quando a análise é feita sob uma perspectiva comparada: o desempenho fraco da atividade industrial no Brasil tem destoado do resto do mundo. A produção da indústria doméstica e mundial mostram trajetórias de expansão parecidas entre 2002 e 2010. Nos últimos anos, no entanto, houve um descolamento, e o desempenho da produção doméstica tem sido sistematicamente mais fraco, algo que ficou ainda mais evidente a partir de meados de 2011 (veja gráfico). A oferta de produtos manufaturados tem avançado de maneira mais expressiva nos países asiáticos, e observa-se expansão mais moderada nas economias avançadas (EUA, Europa e Japão).

Da análise dos dados do IBGE e do Netherlands Bureau for Economic Policy Analysis, na comparação entre o primeiro semestre de 2013 em relação ao mesmo período de 2011, a produção mundial aumentou 5,1%. Na Ásia, a variação é bem mais robusta, de 14,6%. E, nas economias avançadas, o crescimento foi de 1,1%, parecido com o que se observou na América Latina, cuja produção positiva de outros países tem contrabalançado a queda de 1,9% no período da produção brasileira.

A Ásia já recuperou o patamar pré-crise de 2008, enquanto os Estados Unidos estão 0,4% abaixo do maior patamar observado no período (segundo semestre de 2007) e a produção da zona do euro, de 11% nesta mesma comparação. A produção brasileira, especialmente desde 2011, mostra uma trajetória fraca e instável, com um nível 1% abaixo do maior patamar pré-crise, que no caso foi entre janeiro e setembro de 2008.

O período em que a trajetória da produção doméstica deixou de acompanhar a produção mundial coincide com o momento em que a taxa de crescimento dos salários pagos começou, de maneira sistemática, a crescer acima da produtividade do trabalho, e o resultado foi a elevação do custo unitário do trabalho (CUT).

Nesse sentido, o desempenho da produção brasileira aquém da produção mundial não parece estar associado ao enfraquecimento da demanda doméstica que, ao contrário, tem vazado para o exterior. A limitação da capacidade de oferta, no caso, tem sido compensada pelo aumento das importações. Ocorre, por outro lado, que a competitividade da indústria brasileira se reduz pela expansão contínua dos custos incorridos pelas empresas para produzir seus bens, sobretudo aqueles associados ao custo do fator trabalho.

Também vale notar que o período de descolamento em relação à produção mundial foi marcado pela fraqueza dos investimentos, que se estendeu, pelos dados do IBGE, entre o segundo trimestre de 2011 até o terceiro trimestre de 2012. E investimentos mais fracos limitam a demanda pelos produtos manufaturados.

A recuperação da atividade industrial, ainda que marcada por muita instabilidade desde o final do ano passado, esteve associada a certa recuperação da competitividade dada pela depreciação do câmbio, moderação no custo unitário do trabalho e alguma retomada de fôlego dos investimentos. Mas o fato é que a indústria deve crescer pouco neste ano, e não reverterá a queda de 2012 (-2,6%). No próximo ano, apesar da expectativa de uma recuperação um pouco mais expressiva da demanda mundial, existe um efeito negativo não desprezível sobre a produção decorrente da menor quantidade de dias úteis,